

# UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA OBRA “24 DE ABRIL - LEI DA LIBRAS” DO POETA SURDO MAURÍCIO BARRETO

*A SEMIOTIC ANALYSIS OF THE WORK “APRIL 24 - LIBRAS LAW”*

*BY THE DEAF POET MAURÍCIO BARRETO*

*UNE ANALYSE SÉMIOTIQUE DE L'ŒUVRE « 24 AVRIL - LOI LIBRAS »*

*DU POÈTE SOURD MAURÍCIO BARRETO*

**Lígio Josias Gomes de Sousa**

Universidade Federal da Paraíba - UFPB  
Programa de Pós-graduação em Letras-PPGL  
[ligio.josias@academico.ufpb.br](mailto:ligio.josias@academico.ufpb.br)

**Janaína Aguiar Peixoto**

Universidade Federal da Paraíba - UFPB  
Programa de Pós-graduação em Letras-PPGL  
[janaina.peixoto@academico.ufpb.br](mailto:janaina.peixoto@academico.ufpb.br)

**Sumário:** 1. Introdução. 2. Semiótica e Cultura surda. 3. Análise semiótica da obra poética “24 de abril – lei da Libras”. 4. Considerações Finais. 5. Referências bibliográficas.

**Resumo.** Embora os sujeitos surdos brasileiros compartilhem da mesma nacionalidade dos ouvintes, eles apresentam aspectos diferentes ao se desenvolverem como cidadãos biculturais e bilíngues e possuem aspectos peculiares de uma cultura própria, aquela do povo surdo, que não tem demarcação geográfica. Sendo assim, este estudo pretende levar ao conhecimento da sociedade brasileira aspectos da cultura surda, sua língua, valores e crenças, a partir de um estudo Semiótico da poesia *24 de abril Lei da Libras*, do poeta popular nordestino, surdo, Maurício Barreto, inserida dentro do contexto sócio, histórico e cultural da literatura surda como um todo e, em especial, da obra do referido autor. Para tanto, vimos como necessário fazer um levantamento biobibliográfico do poeta e aí inserir a poesia escolhida, mostrando a riqueza dessa Literatura, a inserção do surdo na sociedade, através da valorização de sua língua, além de promover a preservação e a valorização desta herança cultural que é a Literatura Surda.

**Palavras Chave:** Semiótica. Literatura Surda. Poeta Popular. Cultura Surda.

**Abstract.** Although Brazilian deaf subjects share the same nationality as listeners, they present different aspects when they develop as bicultural and bilingual citizens and have peculiar aspects of their own culture, that of the deaf people, which has no geographic demarcation. Therefore, this study intends to make Brazilian society aware of aspects of deaf culture, its language, values and beliefs, based on a semiotic study of the poetry *24 de Abril Lei da Libras*, by the deaf northeastern popular poet, Maurício Barreto, inserted within

the socio, historical and cultural context of deaf literature as a whole and, in particular, of the author’s work. For that, we saw it as necessary to carry out a biobibliographical survey of the poet and then insert the chosen poetry, showing the richness of this Literature, the insertion of the deaf in society, through the appreciation of their language, in addition to promoting the preservation and appreciation of this cultural heritage, the Deaf Literature.

**Keywords:** Semiotics. Deaf Literature. Popular Poet. Deaf Culture.

**Résumé:** Bien que les sourds brésiliens partagent la même nationalité que les auditeurs, ils présentent des aspects différents lorsqu’ils se développent en tant que citoyens biculturels et bilingues et ont des aspects particuliers de leur propre culture, celle des sourds, qui n’a pas de démarcation géographique. Par conséquent, cette étude vise à sensibiliser la société brésilienne aux aspects de la culture sourde, à sa langue, à ses valeurs et à ses croyances, sur la base d’une étude sémiotique de la poésie 24 de Abril Lei da Libras, du poète populaire sourd du nord-est, Maurício Barreto, insérée dans le contexte socio-historique et culturel de la littérature sourde dans son ensemble et, en particulier, de l’œuvre de l’auteur. Pour cela, nous avons jugé nécessaire de réaliser une étude biobibliographique du poète et d’insérer ensuite la poésie choisie, en montrant la richesse de cette littérature, l’insertion des sourds dans la société, à travers la valorisation de leur langue, ainsi que la promotion de la préservation et de la valorisation de ce patrimoine culturel qu’est la littérature sourde.

**Mots-clés:** Sémiotique. Littérature sourde. Poète populaire. Culture sourde.

## 1. Introdução

Inserida dentro do contexto sócio, histórico e cultural da literatura surda como um todo e, em especial, da obra do referido autor, esta pesquisa consiste em um estudo semiótico da poesia *24 de abril Lei da Libras*, do poeta popular nordestino, surdo, Maurício Barreto. O foco foi levar ao conhecimento da sociedade brasileira e internacional aspectos da cultura surda, sua língua, valores e crenças, o que nos levou a fazer um levantamento biobibliográfico, de diferentes gêneros, do poeta e aí inserir a poesia escolhida, mostrando a riqueza dessa Literatura, a inserção do surdo na sociedade, através da valorização de sua língua, além da preservação e a valorização desta herança cultural que é a Literatura Surda. A teoria semiótica considerada foi a greimasiana que estuda a função semiótica, ou significação, como um percurso compreendido de três estruturas: a fundamental, a narrativa e a discursiva. Devido à natureza desse trabalho, realizado para adequar-se ao espaço concedido pela revista, não abordamos os três níveis de estudos propostos por Greimas, mesmo porque foi necessário contextualizar os aspectos da cultura surda necessários à interpretações da obra em questão.

A seguir será apresentado o suporte teórico que embasou este estudo, posteriormente uma contextualização sobre a cultura surda, na sequência será elucidado o artefato literário e por fim destacada a obra que foi analisada.

## 2. Semiótica e Cultura surda

### 2.1. Teoria semiótica

Existem três grandes linhas de estudos semióticos: uma de natureza filosófica, largamente desenvolvida na modernidade pelo americano Charles Sanders Peirce; a semiótica literária que teve seus fundamentos nos estudos russos da Escola de Tartu, entre os quais os de Yuri Lótman e, ainda, a semiótica de linha francesa, proposta por teóricos como A. J. Greimas e François Rastier, que vincula suas origens à proposta Saussureana sobre o signo linguístico. Neste trabalho de pesquisa, optamos pela semiótica pautada nos estudos de Greimas, conhecida como semiótica greimasiana.

A Semiótica Greimasiana não foca apenas os aspectos internos do desenvolvimento textual, mas, também, os fatores externos que influenciam a produção daquele, ou seja, o que o “texto diz, como diz e para que diz” (BARROS, 2002, p. 7-8). O texto como objeto de estudo da semiótica fica claro na afirmação da autora: “A semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz (BARROS, 2002, p. 7) ” Esta vertente da semiótica defende o texto como objeto de significação e como objeto de comunicação. A significação é tomada como um percurso gerativo que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. São três as etapas do percurso,

[...] podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis; c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais, e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima; d) no segundo patamar, denominado de nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito; e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas, em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação. (BARROS, 2002, p. 8-9)

Cada uma dessas estruturas pode ser analisada em nível sintático e semântico. O foco deste artigo é apresentar o recorte com os dados encontrados da análise realizada no nível discursivo e alguns elementos da estrutura narrativa que eram fundamentais na importante interpretação do texto em Libras.

A estrutura mais complexa e concreta do percurso gerativo de sentido é denominada de nível discursivo. Subdivido em sintaxe e semântica, o nível discursivo tem por base as escolhas realizadas pelos sujeitos discursivos, tais como: atores, tempo, espaço, temas e figuras.

A semântica discursiva é percebida através da figurativização e tematização. A primeira consiste em “transformar em figuras de superfície as figuras do plano do conteúdo, utilizando-se a nomenclatura proposta por Hjelmslev” (BATISTA, 2003. p. 67). Enquanto que a tematização

é determinada pelos traços semânticos do texto, que consiste em “extrair do discurso os valores abstratos ali encontrados e organizados em percursos” (BATISTA, 2003. p. 67).

A sintaxe discursiva consiste na relação estabelecida entre o sujeito enunciador, o enunciatário e o enunciado. Essa relação se dá no discurso através do espaço, tempo, pessoa. E como decorrência, gera mecanismos que são chamados de *embreagem* e *debreagem* enunciativas. Por *debreagem* enunciativa, entende-se a “proximidade do Sujeito, lugar e tempo, em relação à enunciação e ao enunciado.” (BATISTA, 2003. p. 66). E a *debreagem* é o processo oposto, ou seja, o “distanciamento do Sujeito, do lugar e do tempo da enunciação. Corresponde ao “não-eu; não-aqui e não-agora” (BATISTA, 2003. p. 66).

Vale salientar que, para a semiótica, assim como para tantas outras teorias, o saber não está finalizado (Fiorin, 2002), mas trata-se de um percurso pela busca do conhecimento. Tudo o que vivenciamos e sentimos a nosso redor pode ser um campo vasto para a semiótica adentrar. Sendo assim, ancorados nesta teoria, apresentamos o recorte do estudo realizado no contexto da cultura surda.

## 2.2. A cultura surda

Quando falamos das produções de um sujeito e sua cultura, faz-se necessário lembrar que esta pessoa vem acompanhada de conceitos pré estabelecidos que a compõe. Ao abordar sobre cultura surda é necessário esclarecer a diferença entre a perspectiva clínica e a perspectiva sócioantropológica da surdez.

A visão exclusivamente clínica e reabilitadora considera a pessoa surda deficiente, incapaz, que necessita ser reabilitada para alcançar a “normalidade”. A visão sócioantropológica ou visão cultural não nega as condições clínicas da surdez, contudo, não resume sua existência a isto, nesta perspectiva, o surdo não é definido pelo seu deficit ou falta, mas considerado como um indivíduo bicultural (influenciado pela cultura do seu país majoritariamente formada por ouvintes e pela cultura da comunidade minoritária denominada de comunidade surda) e bilíngue, pois interage com duas línguas nacionais no seu cotidiano (a língua oficial do seu país, preferencialmente na modalidade escrita e a língua de sinais).

Assim como, em todas as sociedades, as comunidades, a partir da sua união, encontram uma forma de manifestar sua subjetividade, as lutas em comum e seus valores. Muitas vezes a forma encontrada para se fazer enxergar, é através das artes e das diversas produções culturais. Para a comunidade minoritária, surda, isso não é diferente.

Não estamos falando apenas de materiais palpáveis, mas de tudo o que envolve a complexidade dos sujeitos. A pesquisadora Karin Strobel, também discorre a este respeito “[...] o conceito ‘artefatos’ não se refere apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo” (STROBEL, 2008, p. 35).

Quando pensamos em cultura (não só a cultura surda), a arte é enraizada nesses conceitos. Kotter e Heskett (1994, p. 4) diz que cultura é “a totalidade de padrões de comportamento, artes, crenças, instituições e todos os outros produtos do trabalho e do pensamento humano característicos de uma comunidade ou população, transmitidos socialmente”.

Desta maneira, a definição de cultura surda caminha junto com o conceito acima apresentado e aqui optamos em apresentar o conceito trazido pela autora surda:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo. (STROBEL, 2008, p.22)

A autora acima citada, traz reflexões importantes acerca da identidade e da cultura surda, os elementos que a compõem, e a língua ganhou o merecido destaque sendo citado em primeiro lugar, pois:

Os sujeitos surdos que têm acesso à língua de sinais e participação da comunidade surda têm maior segurança, autoestima e identidade sadia. Por isto é importante que as crianças surdas convivam com pessoas surdas adultas em que se identificarem e ter acesso às informações e conhecimentos no seu cotidiano. (Strobel, 2008, p.45)

Constatamos que os estudos sobre a cultura surda avançaram de maneira significativa, quando embasada teoricamente em Hall, a autora Strobel (2008) categorizou as produções culturais<sup>1</sup> do povo surdo em oito tipos: experiência visual, linguístico, familiar, literatura, artes visuais, vida social e esportiva, política e materiais. Em sequência, Peixoto (2018) aponta o nono tipo, o Religioso.

No presente estudo, a ênfase dada contemplou produções culturais do tipo: literário (objeto de estudo da pesquisa), linguístico (língua na qual a obra literária foi produzida) e familiar (tema abordado na obra literária analisada).

### **2.3. Manifestações da Literatura surda**

Direcionar este estudo<sup>2</sup> para obra de um poeta popular nordestino surdo consiste, no reflexo do contexto atual, em reconhecimento e valorização das produções literárias da comunidade surda brasileira. Quanto a isto, a autora Sutton-Spence (2008, p.339) afirma:

---

1. Denominado também como artefatos culturais.

2. Este capítulo de livro é um recorte da dissertação de mestrado do primeiro autor, orientado pela segunda autora, VIDA E OBRA DO POETA POPULAR SURDO MAURÍCIO BARRETO: UM ESTUDO DE ABORDAGEM SEMIÓTICA defendida e publicada em 2021 no repositório da UFPB.

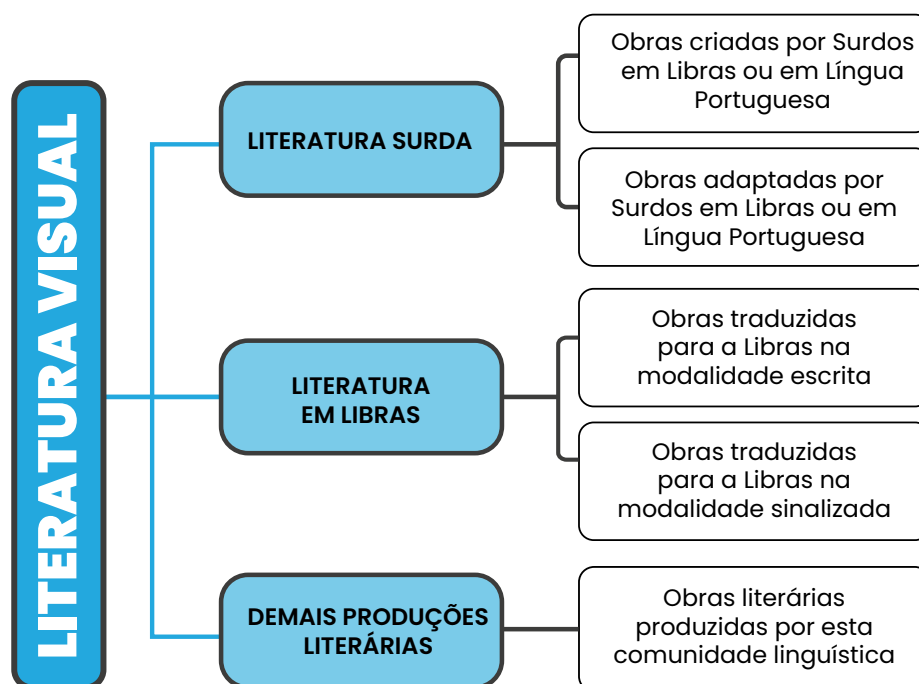
A poesia em língua de sinais, como a poesia em qualquer língua, usa uma forma elevada da língua (“sinal arte”) para produzir efeito estético. [...] Utilizar línguas de sinais em um gênero poético é um ato de empoderamento em si, para pessoas surdas, enquanto membros de um grupo linguístico minoritário oprimido. Por muito tempo, a população surda foi levada a acreditar que o inglês era a língua a ser usada para situações formais e que a “sinalização surda” tinha um status baixo e deveria ser usada, apenas em conversas sociais. Pessoas surdas e ouvintes achavam que a poesia deveria ser escrita apenas em inglês, devido ao status dessa língua.

Nesta afirmativa, a autora apresenta a produção poética como um ato de empoderamento, além disso, esclarece como é recente este reconhecimento e valorização das obras em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), comoveremos a seguir:

Referindo-se a Língua de Sinais Americana, Alec Ormsby afirmou que, antes dos anos 70, não existe registro poético na ASL, porque o registro poético era socialmente inconcebível e, enquanto permanece socialmente inconcebível, seria linguisticamente inviável. O mesmo é válido para BSL. Entretanto, nos anos 70, surgiram algumas mudanças relacionadas à consideração da poesia em línguas de sinais não apenas como concebível, mas também como uma realidade (SUTTON-SPENCE, 2008, p.340).

As manifestações literárias do povo surdo vêm crescendo e, em paralelo, os estudos voltados a essa área também. É possível encontrar estudos que se utilizam de terminologias diferentes como: literatura visual produzida na comunidade surda, literatura surda e literatura em libras. Em vista disso, seguimos a categorização apresentada por Peixoto (2020) no fluxograma a seguir que define bem cada uma dessas categorias e respalda nossa utilização do termo literatura surda quando nos referimos à obra *24 de abril-lei da Libras* que analisamos neste trabalho.

Imagem 1 – A literatura visual



Fonte: Peixoto (no prelo, p.93)

Partindo deste contexto, no desenvolvimento deste estudo, elaboramos uma revisão de pesquisas anteriores desenvolvidas sobre essa temática onde buscamos os termos “poeta popular surdo”, “poeta nordestino surdo”, “arte surda nordestina”, “vida e obra do poeta surdo Maurício Barreto”, nas diferentes plataformas (google acadêmico, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Periódicos da Capes, UFSC e UFPB, e não foi encontrada nenhuma pesquisa, bem como artigos e/ou capítulos sobre o tema que aqui desenvolvemos. Esta informação comprova o ineditismo deste trabalho, bem como, o espaço e a necessidade para o aprofundamento de diversas discussões sobre a literatura.

#### 2.4. A obra de Maurício Barreto

A poesia *24 de abril Lei da Libras* que foi publicada em 24 de abril de 2015, no canal youtube do autor Maurício Barreto, está repleta de importantes elementos da história e da cultura surda, um vasto território para o estudo semiótico. Nesse sentido, partindo de uma contextualização embasada em autores da Literatura Surda e fundamentado em autores da Semiótica Greimasiana, o estudo do texto sinalizado do gênero literário poesia, de autoria de um poeta popular surdo, reveste-se de importância, pois evidencia a ideologia compartilhada na comunidade surda, além de promover a preservação e a valorização desta herança cultural.

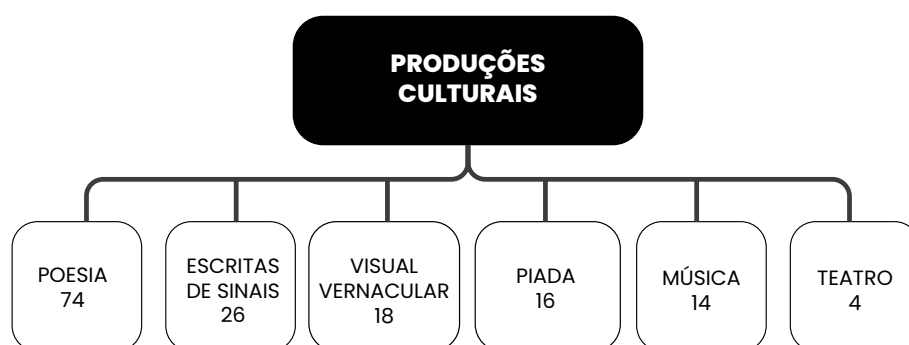
Maurício Barreto Silva é surdo, usuário da língua brasileira de sinais (desde os 17 anos), casado com uma mulher surda e pai de três filhos (ouvintes). Nasceu no dia 17 de novembro de

1977 em Jequié, na Bahia e estudou na instituição de ensino Unievangélica - BA. Não possui curso superior, mas trabalha na área de Libras, como ministrante de cursos e instrutor. Possui um número significativo de obras e dois canais de divulgação do seu trabalho enquanto artista, nas redes sociais: a plataforma de vídeos Youtube, criada em 25 de dezembro de 2010, com 243 postagens e o Facebook, cuja primeira postagem foi em 03 de maio de 2013, e que hoje possui 296 postagens em vídeo. É um artista popular multifacetado. Suas produções vão desde teatro, desenho, música, até poesia, além de registros artísticos na escrita de sinais. Como acontece com os artistas populares de modo geral, é um autodidata em diversas áreas artísticas. O teatro e a música são exemplos disso, pois o artista não possui formação em nenhuma dessas áreas, mas apresenta criações nesse campo. A interpretação teatral também faz parte do currículo do artista popular surdo, tanto quanto criação de roteiro (em que ele atua também), embora não seja o foco das suas produções. O último vídeo teatral postado foi em 2015 com a temática do “Diabo e Deus” e sua primeira produção disponibilizada foi “A mensagem de Jesus, céus e terra, em 2011.

Maurício Barreto tem uma demanda de criação bastante frequente e um dos maiores desafios desta pesquisa foi delimitar o período de coleta das obras para fins de catalogação, pois, a todo momento, o artista lançava uma nova obra. Devido a isto, foram selecionadas as obras com data de postagem até 26 de setembro de 2020.

Os dados colhidos que viabilizaram a elaboração da imagem ilustrativa abaixo (Imagem2), são das produções disponibilizadas nos seus dois canais do Youtube. Somando as obras catalogadas totalizam 152 produções culturais, distribuídas nas categorias: poesias, produções em escrita de sinais, visual vernacular, músicas, piadas e teatro.

Imagem 2: O acervo criativo



Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa

Com base nestes dados obtidos, constatamos que entre as artes, a Literatura, sem dúvida tem uma posição de destaque no acervo criativo do autor, pois, além do seu carro chefe, o gênero poesia (com 74 produções), a literatura surda abrange também as piadas (16 obras), narrativas ou poesias com o estilo visual vernacular (18), e os textos artísticos registrados em escrita de sinais (26). Com isto, das 152 produções artísticas catalogadas, apenas 14 não são literárias. Passamos a seguir à análise da poesia selecionada.



### 3. Análise semiótica da obra poética “24 de abril – lei da Libras”

A obra analisada, “24 de abril–lei da Libras<sup>3</sup>, foi criada, registrada em vídeo pelo poeta popular surdo, apresentado no capítulo anterior, e publicada em 24 de abril de 2015 no seu canal do Youtube. A poesia possui três minutos e 10 segundos e conta com mais de mil visualizações. Nela, o poeta conta a trajetória de uma família (mãe e filho surdo) que passa por diversas fases, desde a gestação, ao diagnóstico de surdez, até a criação da lei que reconheceu a Libras como língua da comunidade surda. Pode-se dizer que a obra sinalizada faz um recorte histórico e social da realidade enfrentada pelo povo surdo e seus familiares até o reconhecimento legal da sua língua.

A narrativa se desenvolve em torno do desempenho de três sujeitos semióticos que, de acordo com o seu aparecimento no texto, foram nomeados: S1, figurativizado pela mãe; S2, pelo filho surdo e S3 que aparece atorizado pelo médico. Observe-se que os actantes não são nomeados e embora saibamos que “a individualidade de um ator é marcada por um nome próprio” (GREIMAS; COURTÉS, 2012), eles são categorizados por seus papéis temáticos que são mãe, filho e médico. Essa não individualização dos atores, pode ser atribuída ao fato de o texto querer remeter à história da comunidade surda como um todo e não apenas um único personagem. O verdadeiro herói é o povo surdo. Dessa forma, ainda que não se utilizem dos sinais de “médico” e “mãe”, a marcação do espaço associada ao contexto do que está sendo sinalizado faz o leitor perceber que, quando o narrador se posiciona com seu tronco virado à esquerda, está assumindo o papel do médico e sendo assim, com seu corpo virado para a direita quem assume é a mãe

Uma vez que existe um percurso temático bem definido, constituído de quatro momentos, acreditamos ser de maior valia fragmentar a leitura semiótica nesses momentos para que a análise possa ser mais minuciosa e abranger a riqueza de detalhes que obra carrega. O percurso temático foi o seguinte: 1. Gestação e diagnóstico .2. negação ; 3. possibilidades; 4. aceitação.

#### 3.1. Da gestação ao diagnóstico

A *gestação* corresponde à sinalização apresentada no vídeo no intervalo de tempo compreendido entre 0:01”a 0:25” e nela é apresentada uma mãe que está gestando um filho (não há marcação de gênero em sua sinalização). Esta gravidez não é apresentada com muitos detalhes, apenas é evidenciada na poesia pela “barriga de grávida”, imediatamente em seguida o nascimento, e por fim o bebê nos braços. A mãe é sujeito de um *fazer* (gerar o filho) e de um *ser* feliz por vivenciar este momento. Com o nascimento do bebê, a mãe percebe que o filho é diferente. Ela então procura um médico que a *faz saber* que o filho é surdo, evento que lhe causa uma profunda tristeza, modificando seu estado inicial: a preocupação toma o lugar da felicidade.

3. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do\\_HRsQ&t=1s](https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do_HRsQ&t=1s)

Imagem 3– Passos para o diagnóstico



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do\\_HRsQ&t=1s](https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do_HRsQ&t=1s)

O momento do diagnóstico de um filho com surdez é retratado por vários estudiosos da área e quase sempre marcado por um momento de profundo pesar e tristeza, quando este vem de uma família predominantemente ouvinte. Sentimentos como culpa, frustração, medo, insegurança, acompanham essa fase. E muitas vezes esses sentimentos são aflorados pelos médicos que anunciam a surdez para a família e os fazem perder a ideia de ter um filho perfeito, ou seja, com todos os sentidos e funcionamentos do corpo presentes, como aponta Carvalho:

Não é difícil pressupor que o fato de alguém da família ser identificado por critérios objetivos, médicos ou educacionais, com o surdo, constitui-se numa experiência que marca tanto a criança como a família, e que pode alterar o funcionamento intersubjetivo de todos, na medida em que tal diferença impõe, de forma imprevista e definitiva, a perda para sempre da ilusão do filho perfeito. (CARVALHO, 2000, p. 69).

Em sua *enunciação*, a poesia em análise apresenta um sujeito enunciador distante dos fatos narrados, que transmite uma série de acontecimentos sem dar a entender que se trata de uma narrativa pessoal. Todo o texto é sinalizado de forma a perceber que está em terceira pessoa, ainda que autor utilize um recurso anafórico (denominado de role-play), que possibilita ao narrador incorporar diferentes personagens ao mudar de posição no seu espaço de sinalização, geralmente, virando seu tronco para direita e/ou esquerda, como podemos perceber na imagem a seguir.

Imagem 4 – Incorporação de personagem



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do\\_HRsQ&t=1s](https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do_HRsQ&t=1s)

O tempo não é marcado, de maneira, precisa nesta etapa da poesia. Não encontramos em sua sinalização nada que determine o dia, mês, ano, ou uma época específica. O narrador inicia sua sinalização já apresentando uma mulher que está grávida (sem determinar também o tempo gestacional). O espaço também não é determinado inicialmente, porém após o bebê nascer e a mãe perceber que ele tem algo de diferente, o diálogo que se segue é realizado em um ambiente clínico, embora não tenha sido apontado nenhum sinal específico (hospital, consultório, etc.) este está implícito no contexto da sinalização. Na narrativa aqui trabalhada, a expressão facial do médico associada ao sinal de “não adianta” ou em outra tradução livre “já era” demonstra a visão negativa que a surdez carrega, reforçando ainda mais o sentimento dos pais.

Imagem 5 – Expressão facial do médico



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do\\_HRsQ&t=1s](https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do_HRsQ&t=1s)

### 3.2. A negação

A *negação* acontece do fragmento de tempo do vídeo 0:25” ao 1’37” : a mãe protagoniza diversas fases de negação à condição de surdez do filho, tentando encontrar meios que pudessem encobrir esse diagnóstico. Ela tenta falar normalmente com ele, mas não adianta, ele não ouve. Chega a pensar na hipótese de que teria feito um aborto se o diagnóstico tivesse sido dado ainda durante a gestação, e imagina ainda como seria bom se houvesse um medicamento preventivo, mas isso não existe. Frustrada, pensa em abandoná-lo, mas não consegue entregá-lo a alguém. O implante também não é uma solução, tão pouco gritar. A frustração e a culpa tomam conta de seu coração. Na trajetória percorrida pela mãe, outros temas foram identificados, tais como: o artefato cultural familiar (produção cultural entendida como a vivência surda desenvolvida dentro do núcleo familiar) e a oposição entre visão antropológica, que considera o surdo como um indivíduo bicultural e bilíngue *versus* visão clínica da surdez, que considera o surdo um indivíduo deficiente com limitações que necessitam ser reabilitadas/curadas.

### 3.3. As possibilidades

O momento das *possibilidades* é muito importante e antecede o ápice da narrativa, sendo sinalizado no período de tempo compreendido entre 1’:37” à 2’:22” do vídeo. Neste recorte, são comunicadas as experiências do surdo diante de uma sociedade, majoritariamente ouvinte e, muitas vezes, preconceituosa. Ainda que esteja em um ambiente dito inclusivo, como a escola, o sentimento dele é de exclusão. Em diversos espaços sociais, onde há uma iniciativa de comunicação, não obtém resposta, não compartilha das mesmas experiências, não vivencia o mundo da mesma forma. Ainda que ele tente se encaixar, não encontra lugar, não há identificação.

Neste fragmento do texto, o enunciador sai de cena mais uma vez e agora o surdo é incorporado e assume a narrativa. É sob a perspectiva dele que este momento é construído. Agora é possível a ele perceber que não é mais um bebê que está sendo levado pela mãe sem o entendimento do que está acontecendo. Não sabemos a idade exata dele, também não há uma marcação temporal para a qual a narrativa aponta, mas por se tratar de uma escola inclusiva, podemos concluir que a narrativa é datada após os anos 90, pois foi a partir da declaração de Salamanca (1994) que se instaurou essa abordagem educacional. Logo, o espaço linguístico é dado pela escola em que o surdo se torna aluno. No percurso temático figurativo do surdo, encontram-se os temas: preconceito, exclusão, a busca pela identidade cultural e pessoal. O preconceito e a exclusão são encontrados na figura dos olhares estranhos direcionados ao surdo, da exclusão por parte de quem ele tem por amigos. A busca por uma identificação pode ser percebida nos momentos em que o surdo se dirige aos demais alunos, esforçando-se para se encaixar nas vivências e pertencer àquele lugar, mas falha ao tentar.

### 3.4. A aceitação

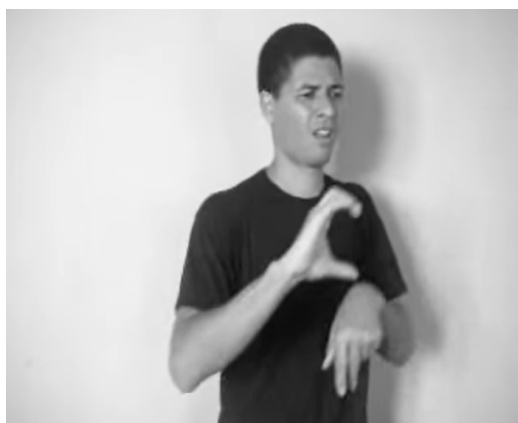
A *aceitação* é o último fragmento da obra, sinalizado de forma sucinta no vídeo a partir de 2’:22” até o fim da poesia (3’:10”). É o momento que dá nome a obra, que a sinalização cresce, as expressões ficam positivamente evidenciadas. Pela primeira vez, o filho (surdo) tem estampado no rosto um sorriso. É neste momento que ele se encontra com seus pares, com pessoas que compartilham das mesmas vivências e cultura, compartilham uma língua. A partir dessa aceitação, inicialmente íntima e pessoal, é possível reconciliar-se com a mãe e feridas são enfim curadas. Agora eles podem celebrar: o surdo tem uma língua e esta língua finalmente possui um reconhecimento legal, a Lei 10.436 do ano de 2002, conhecida como “A lei da Libras”.

Assim como no primeiro fragmento do texto, o enunciador encontra-se distante dos fatos narrados, ou seja, em *debreagem* enunciativa (conforme Greimas), porém nesta etapa do poema, em determinado momento, o narrador sai de cena e incorpora a mãe que assume a narrativa, trazendo o discurso para primeira pessoa em muitos momentos, como quando diz por exemplo: “Se eu pudesse colocá-lo de volta a meu ventre, sabendo que ele era surdo, eu o abortaria...”<sup>4</sup>

4 Tradução para o português feita pelos autores deste trabalho.

O tempo e o espaço, neste momento da obra, são inexistentes. Não há nenhum indício de demarcação temporal ou espacial. E a actorialização está focada, exclusivamente nos papéis temáticos da mãe e do filho. No percurso temático-figurativo, encontramos: frustração, culpa, abandono familiar, falta de comunicação, implante coclear, oralização. E a pessoa do filho sendo representada por uma “orelha”.

Imagem 6 – Uma orelha andante



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do\\_HRsQ&t=1s](https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do_HRsQ&t=1s)

Esta escolha poética (Imagem 5) tem sua justificativa nos discursos e vivência dos surdos, em que muitos compartilham a forma estereotipada como são vistos pela sociedade. Quando sua capacidade é questionada por não ouvir, equivale ao ato de resumir os surdos a uma “orelha ambulante”, alguns exemplos disso são: quando limitam sua escolha profissional, quando os julgam como seres inferiores ou até mesmo se surpreendem com algo que não causaria espanto nenhum se fosse um ouvinte realizando ou conquistando.

Numa ótica sociológica, no entanto, o surdo não é um deficiente, mas uma pessoa que tem uma forma de ver o mundo distinta da sociedade majoritária; os problemas enfrentados em sua vida não são físicos e intrínsecos ao indivíduo, mas de natureza política e relacional, pois residem precisamente no ponto de contato do indivíduo com uma sociedade despreparada para recebê-lo. (Wilcox *apud* Leite, 2008, p.5)

Essa visão limitante e estereotipada é fortemente representada na narrativa, a partir do nascimento e diagnóstico de surdez, o filho passou a ser visto como um “ouvido ambulante” e na alternativa mais otimista como um “ouvinte com defeito”, termo evidenciado numa perspectiva crítica por Salles (2004).

O enunciador está debreado, ou seja, não participa da narrativa nesta última etapa da poesia, embora possa ser considerado um distanciamento parcial, pois ele confia suas mãos ao actante surdo que é incorporado ao discurso, assumindo a narrativa até o final da obra sinalizada.

O espaço narrativo é a nova escola em que o surdo se integrou, mas ao final do discurso, não se sabe, com exatidão, se esta ainda continua sendo sua localização. A demarcação temporal inicialmente é genérica, mas ao fim do discurso, quando ele sinaliza: Lei de Libras, tomamos como base a data de vigência desta que é 24 de abril de 2002, tomando como parâmetro o dia da publicação deste aparato legal que reconhece a língua brasileira de sinais, a libras, como uma língua nacional.

Os actantes presentes neste momento são figurativizados pela mãe, o surdo e os colegas de escola, de modo geral, que passam a ideia de serem também surdos ou pelo menos usuários da Libras.

No percurso temático figurativo encontramos: aquisição da língua, identidade, cultura e aceitação. Esse processo inicial de identificação e aquisição da língua é percebido no momento em que ele entra na escola figurativizado no “ouvido ambulante” e se transforma gerando o sinal de “Libras”, como podemos perceber na imagem a seguir.

Imagem 7 – A descoberta da Libras



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do\\_HRsQ](https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do_HRsQ)

O tema de aceitação é figurativizado na comunidade em que ele passa a integrar e também na aceitação familiar que é um conflito vivido desde o nascimento e agora finaliza com ambos se reconectando.

Imagem 8 – De uma orelha fez-se coração



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do\\_HRsQ](https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do_HRsQ)

A “orelha ambulante”, como o surdo antes era visto pela mãe e passou a ser sentido também por ele, já que se apresentava assim, quando enfim descobriu a Libras viu a língua trazer uma identidade, o pertencimento a uma comunidade e a reconciliação com sua mãe, que transformou a “orelha” em uma metade do coração, sendo completado por sua mãe, ou seja, a língua permitiu que traços familiares fossem refeitos (Imagem 7).

#### 4. Considerações Finais

A obra eleita para ser estudada semioticamente não constitui apenas uma poesia sinalizada ou um reconhecimento acerca da importância da lei da Libras, mas é também um grito de resistência. É um recorte do que é vivenciado pelos surdos. Essa história contada em forma de poesia se desenvolve a partir de dois sujeitos principais, a mãe e o filho surdo que, embora percorram caminhos diferentes, têm o mesmo objeto de valor que é a felicidade e para alcançá-la traçam diversos caminhos, desde a negação até a aceitação.

Percebemos que esta obra, além de legitimar as criações dos surdos enquanto produções literárias e também artísticas, podem ser identificadas como um instrumento de denúncia, pois as práticas preconceituosas vêm dos mais diversos ambientes (médico, familiar, escolar e a sociedade de modo geral) e como é importante o acesso a Língua de Sinais e o processo de aceitação da surdez através do contato com seus pares que têm o poder de influenciar, positivamente, essa transição.

Sendo assim, pode-se dizer que este trabalho além de promover a preservação e a valorização desta herança cultural que é a Literatura Surda e mostrar o quanto a união com a semiótica pode ser importante, é um recorte das lutas e dos movimentos de resistência do povo surdo diante das barreiras sociais que enfrentam diariamente.

#### 5. Referências bibliográficas

BARROS, D. L. P. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BATISTA, M<sup>a</sup> de Fátima B. de M. **A semiótica: caminhar histórico e perspectivas atuais**. Rv. De Letras n°25, vl ½ jan/dez. 2003.

BATISTA, M<sup>a</sup> de Fátima B. de M. **O romanceiro tradicional do Nordeste do Brasil: uma abordagem semiótica**, tese defendida na USP- SP, em 1999.

CARVALHO, J. M. **O ideal de completude narcísica e o adolescente surdo**: um estudo clínico. 2000. Dissertação de mestrado. Pontifício Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1994, Salamanca-Espanha

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2ed. São Paulo: Ática, 2002. 318p.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2012.

LEITE, T. A. **Língua, Identidade e Educação de Surdos**, Ponto Urbe [Online], 2 | 2008.

PEIXOTO, J. A. e VIEIRA, M. R. (Org). **Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões**. – João Pessoa: Sal da Terra, 2018.

PEIXOTO, J. A. **A tradição literária no mundo visual da comunidade surda brasileira**. Coleção Pós Letras. Vol 2. João Pessoa: PPGL/UFP, 2020.

RASTIER, François. **Ação e sentido por uma semiótica das culturas**. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2010.

SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

STRÖBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, R. **Imagens da Identidade e Cultura Surda sna Poesia em Língua de Sinais**. In Quadros, R. M. **Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais**. Petrópolis. Arara Azul. 2008.

SALLES, H. M. M. L.; FAULSTICH, E.; CARVALHO, O. L.; RAMOS, A. A. L. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Vol. 1. Brasília: MEC, SEESP, 2004.